

STARCRRAFT

HEART OF THE SWARM



VCEs Bons de Briga

Por Kal-El Bogdanove

A nuca de Bill Bousquette, ou Pérola, coçava, como já vinha coçando desde sua primeira semana de serviço durante a guerra anterior. Ele crescera em Choss, um planeta sem importância que os guias de turismo chamavam de "Estufa" graças ao clima desértico absolutamente uniforme. Pérola passara seus dias de juventude trabalhando nesse clima, planejando as elegantes cidades-penhasco aonde homens mais ricos que ele levavam as famílias e amantes, para aproveitar o sol constante e o ar seco, purgar a "gripe do espaço" e a "palidez de astronauta" e se sentir valendo os bilhões de créditos que com certeza valiam.

Uma vida ao ar livre em Choss fizera Pérola preferir ter a pele do pescoço grossa feito couro, bronzeada e seca, mesmo quando dava duro e suas partes não expostas ao sol e ao vento se banhavam em rios de suor. Em serviço, metade do tempo eles metem a gente numa lata de metal enorme e fazem essa lata voar dentro de outra lata ainda maior, longe da luz e do ar. Os arreios do articulador dentro do veículo de construção espacial T-280 faziam o pescoço de Pérola suar, e sem o sol e o vento para secá-lo, um pescoço suado se tornava um pescoço coçando no final do dia de trabalho. Pérola achava que a coceira piorava quando ele ficava exasperado, e estava coçando pra cacete enquanto ele olhava para seus homens reunidos ao redor da tela, resmungando e reclamando até não mais poder.

— Esquece isso de matérias-primas. Pelo cacete quântico dos protoss, como é que a gente vai construir essa coisa, pra começo de conversa? Uma ponte retrátil capaz de aguentar dois tanques de cerco lado a lado atravessando um vão de 250 metros mas leve o suficiente pra ser levada por um módulo de transporte já carregando um arsenal completo. Cacete!

O homem que estava falando era Vigo Czark, o Atum. No mundo, era um especialista em guindastes que trabalhava para as frotas de pesqueiros de Turaxis II e, no espaço, era um fatalista de tirar o chapéu. Chewitel Wsoro, ou Fresco, (especialista em demolição do Velho Fiel, escolhido a dedo e contratado sob as barbas do Consórcio de Mineração Confederado) sacudiu a cabeça em resposta e deu uma risadinha. — Cara, no seu lugar, eu me preocupava mais com o Raynor inventando missões que vão fazer a gente pilotar esses monstrenhos lado a lado sobre um vão de 250 metros.

Pérola deixou os Cecês reclamando enquanto os estudava e ponderava o problema. Aqueles homens não eram jovens. O mais jovem dentre eles já tinha o rosto emoldurado pelos primeiros cabelos grisalhos da meia-idade. Raynor tentara recrutar jovens para a unidade de Pérola. Enviara os melhores e mais inteligentes da Universidade Central de Umoja (quer dizer, os que sobravam depois que a Supremacia, os umojanos e a União preenchem seus quadros). Todos eles entendiam muito de teoria, mas jamais tinham construído algo maior que uma maquete.

Além disso, a maior parte deles era tão inexperiente que derrubava os maçaricos ao primeiro sinal de tiroteio, o que não era o objetivo da unidade. Os Saqueadores do Raynor eram rebeldes, tentando combater a maldita Supremacia com um centésimo dos recursos do inimigo. Eles eram constantemente sobrepujados em termos de pessoal, maquinário, arsenal e tempo, e ainda assim Jim Raynor conseguia obter mais vitórias que derrotas.

Contra essas chances impossíveis, Raynor precisava contar com um grupo de pilotos de VCE que pudesse aguentar o rojão, se concentrar em problemas de engenharia de arrear os cabelos mesmo sob tiroteio e até pegar em armas se fosse necessário. Raynor procurara Pérola — a quem vira completar um trabalho de solda em um endiabrado enquanto disparos de pistolas pipocavam na traseira do seu T-280 — para liderar aquele bando de malucos. Quando Pérola disse a Raynor que todos os homens que havia conseguido para a tropa não estavam à altura da tarefa, Raynor foi paciente e permitiu que Pérola despedisse todos e recomeçasse o recrutamento do zero.

E ele recrutou. Pérola precisava mais do que tudo de um grupo de operários sérios, peritos encaixados feito o bolo N-10 de uma marmita velha de ração do exército. Ele precisava de nós cegos que conhecessem o trabalho de trás pra frente com as mãos nas costas no escuro. Precisava de mais trinta dele mesmo e partiu para procurá-los. Pérola vagou por estaleiros e canteiros de obra (e um número considerável de bares) no setor atrás de todo o tipo de mão de obra, desde engenheiros formados feito ele a encanadores autodidatas capazes de fazer uma privada dar descarga em lá bemol.

Nenhum deles era tão jovem quando o soldado médio, e dois já tinham sido arrastados de Pho-Rekh até Aiur na guerra anterior. Aquilo dera origem a uma piada popular entre os soldados: "Trate bem os Cecês; um deles pode ser seu pai!". O pessoal riu daquilo até o dia em que viram os Cecês construir uma central de comando e seis casamatas enquanto o resto dos Saqueadores se escondia dos disparos contínuos de dois vudus. Súbito, a ideia de que fora do espaço eles eram só pais de família barrigudos e operários desastrados perdeu

a importância. A verdade é que conseguiam construir um iglu ao meio-dia no inferno desviando dos tiros do capeta.

Talvez fosse por isso que ouvir aqueles homens reclamar feito parteiras de Altafonte fazia coçar tanto o pescoço de Pérola. Ele sabia que, para estarem reclamando, é que o motivo devia ser bom.

Estavam todos inquietos desde terça-feira, quando o primeiro-soldador Steiglitz recebeu a carta. Como a maioria dos Cecês, ele tinha uma família no planeta natal: três garotos e uma esposa paciente. A carta informava-o da morte do filho mais velho. Dispensado do exército, o rapaz tinha se juntado à milícia que defendia o planeta e fora explodido por "fogo amigo" durante uma batalha acima da estratosfera contra os zergs.

Na tarde de terça, Steiglitz usou o maçarico para transformar o corvo em que estivera trabalhando em uma pilha de destroços. Fresco e um derramador de fibra chamado Patel o arrancaram à força de sua plataforma de solda de plástiaço.

Pérola estava acostumado a ouvir os soldados mais novos reclamar de tudo, da comida às acomodações, enquanto os Cecês comiam rações frias e tinham menos travesseiros. Mas, desde a carta de Steiglitz, os ânimos estavam bem mais exaltados.

Pérola pensou na esposa e nos filhos, ambos já crescidos. Um gerenciava o Canyon Plaza da família, o outro projetava aceleradores de ponta em Umoja. Eles não eram menos

vulneráveis que o filho de Steiglitz, e quando Pérola pensava na família, a imagem que se tornava cada vez mais frequente era a de três vultos em campo aberto, cercados de inimigos. O tempo e a distância sempre amplificavam a sensação de ansiedade, e desde que a carta chegara, ele sentia aquilo como um peso no estômago.

Ele procurou esquecer a sensação e limpou o pigarro. — Tudo bem, escutem aqui. "*Não dá*" não enche barriga! Vamos tentar de novo às 16 h. Quero os três esquadrões táticos com listas de matéria-primas logisticamente viáveis. O tempo livre é com vocês mesmos. Passem rezando, jogando mico-preto, sei lá, só não me encham o saco.

Pérola observou os homens, marcados, cheios de vincos, como uma carta lida frequentemente. — Tem uns aí que podiam entrar na academia. — Alguns Cecês riram. Pérola bateu na própria barriga. — E eu também. — Mais gente sorriu. — Dispensados.

Pérola ficou vendo os Cecês se dispersar e esticou o braço para coçar a nuca com a caneta do console remoto. Ele estava no comando, e era seu trabalho fazer algo a respeito daquilo.

Merda.

Rory Swann depôs a caneca na mesa com um baque alto e forte. Tudo o que ele fazia era alto e forte. Tinha um temperamento expansivo que Pérola apreciava, talvez por ele mesmo ser tão contido e quase nunca quebrar o silêncio.

Rory era o engenheiro-chefe da nave. Alguns anos antes, os Cecês tinham ajudado o pessoal da engenharia a consertar a *Hipérion* depois de uma batalha renhida. Pérola fizera os melhores amigos da vida enquanto passava os dias metido entre engrenagens e sujo de graxa, e Rory estava entre eles.

Os dois homens, embora com temperamentos opostos, conseguiam conviver bem. Pérola atribuía isso em parte ao fato de que tinham quase o mesmo cargo e a mesma experiência, mas suas tarefas raramente coincidiam. *Podemos reclamar um com o outro sem temer alguma saia justa.* Geralmente isso incluía Rory chamando Jim Raynor de "metido a gostosão" e perorando por vinte minutos sobre qualquer que tivesse sido a última coisa pela qual ele e o comandante tinham batido de frente.

Hoje talvez seja diferente, pensou Pérola enquanto Rory gabava os méritos do veículo de ataque cascavel pela milésima vez. A verdade era que, a despeito de todas as brigas, Raynor e Swann eram unha e carne. E uma vez que Pérola estava tentando pensar em um jeito de convencer Raynor a fazer algo que ele não iria querer fazer, Pérola sabia que Rory era o homem certo a quem pedir ajuda.

Swann estava terminando de contar um caso cabeludo. — Porra, acho que não vão mais me deixar nem *pousar* nessa lua de novo. — Pérola riu (embora já tivesse ouvido a história dezenas de vezes) e pensou em como externar sua preocupação.

— Escute, Swann...

— Que foi, parceiro?

Pérola deu um gole de cerveja e perguntou: — Você é casado?

Swann sorriu. — Mais de uma vez. Por quê? Tem alguém querendo um marido maneta?

Pérola pegou um punhado de pretzels, contou a história de Steiglitz — percebendo a careta que adejou no rosto de Swann na parte sobre o corvo despedaçado — e finalmente falou do que o preocupava.

— Olha, eles não param nunca. Não ficam de moleza no serviço. Mas isso está afetando eles. Eles estão irritados sem querer e menos espertos do que antes. É como uma sub-rotina rodando o tempo todo. Não dá pra notar imediatamente, mas, se prestar atenção, você vê que a CPU está sobrecarregada. Eles precisam ver as famílias, Rory. Por algumas horas até, que seja. Eles estão ficando... desgastados.

Rory abriu e fechou as mandíbulas de seu braço mecânico. — Hum. É. E não era pra ficar? Porra... essa é a primeira guerra da maior parte dos garotos da nave. Gente jovem que luta por princípio ou por vingança. Às vezes pra se divertir. Não é o nosso caso.

Pérola fungou. — Mas como você mente. Você *ainda* está nessa pela diversão.

Swann riu. — É, ok, talvez eu também. Mas seus homens, não. Eles estão nessa pela família.

Você tem que falar com Raynor.

— E dizer o quê?

— O que você me disse. Porra, vocês dois são caipiras come-quietos dos cafundós do judas.

Você devia saber melhor do que ninguém: a melhor maneira de tratar com um cowboy é ser direto. Diga a ele o que você precisa.

— Eu odeio pedir.

— Você não está pedindo. Está reportando a situação. Raynor não é otário. Ele vai, ahm, entender a coisa. Lembre-se: todo saqueador metido aqui nessa encrenca do caralho tem algo em comum com os outros. Quando eu olho pra você, pro Raynor... pra *qualquer um* dos homens... eu sei que estou olhando prum cara comum que se cansou de dar tudo prum bando de fascistas que não gastaria dez créditos pra salvar a vida dele. Comece por aí. Vá expandindo o assunto. Pense que você está montando um daqueles blindados.

Pérola suspirou. — Você é otimista.

Rory gargalhou. — E você é um cretino esquisitão. Sai na porrada com um fanático sem pestanejar, mas vira uma florzinha tímida se alguém tenta arrancar mais de dez palavras de você.

Swann esticou o braço e se serviu de mais cerveja da torneira. — A resposta vai ser sempre "não" se você não perguntar. O primeiro passo é abrir a boca. Vamos tomar mais uma e depois vai lá encher o saco dele.

— Não dá, não. — Raynor falou com a confiança fácil que fazia soldados mais jovens ficarem em posição de sentido e baterem continência. Pérola automaticamente levou a mão à nuca e coçou.

— Nossa posição é delicada. Precisamos de muitos recursos pra manter a nave funcionando. A maior parte do pessoal está ocupada transformando esses recursos em tiros disparados. Sua unidade coleta doze vezes mais que qualquer outro esquadrão em um ano de missões.

— Sete vezes o que o pessoal de engenharia da Supremacia coleta, com um terço do orçamento — completou Pérola. — Eu sei as estatísticas, Jim.

— Você só confirma o que eu disse. — Raynor puxou uma faca bowie e cortou um pedaço da maçã de Shiloh que estava numa tigela no canto da mesa. — Não podemos ficar sem vocês aqui. — Ele ofereceu um pedaço de maçã a Pérola com a ponta da faca. Pérola fez um gesto educado de *não* e suspirou. Raynor prosseguiu.

— Estamos no meio de uma rebelião e o bicho tá pegando. O único jeito de pagar as contas é manter o pessoal da Moebius feliz.

Raynor mordeu a maçã, mastigou e engoliu.

— Liderança é um troço melindroso. O orçamento pesa tanto quanto ter fibra. Você imaginava que algum dia estaria aqui?

Pérola pensou a respeito. — Acho que eu me imaginava construindo resorts pra gente rica passar as férias. Mexendo com fazenda quando tivesse tempo. Engordando, com netinhos subindo pelos joelhos.

— O universo é engraçado, não é?

Raynor sacudiu a cabeça.

— Desculpe, Pérola. Estamos numa conjuntura realmente delicada nessa luta. Não dá. Agora não.

Pérola certa vez fora surpreendido por três parasitoides enquanto consertava um tanque de cerco em campo e conseguira matar os três só com um maçarico e uma chave de fenda pesada. *Por que isso é tão difícil?*

Raynor interrompeu o silêncio. — Mas é bom que você tenha vindo aqui, eu ia mesmo chamar você pra uma missão.

— Pensei que a gente já tivesse uma tarefa nas mãos.

Raynor sorriu. — Isso é mais importante. Não faça essa cara de preocupação... — Ele enfiou um chip de dados no console tático, e um modelo telemétrico de uma lua pequena apareceu. — Vai ser mole, mole.

— É só chegar, coletar e dar o fora — explicou Pérola enquanto os homens encaravam as instruções da missão.

— Vai ter apoio? — perguntou Czark.

— O comandante não ofereceu e eu não pedi. Isso é uma rebelião, não é pra dançar quadrilha. Já tem pouca gente no bando, não dá pra tirar soldados da linha de frente pra

ficarem coçando a bunda enquanto a gente escava. Além do mais, o serviço é uma uva, mole, mole. A gente vai lá e depois volta com a mercadoria.

— E a mercadoria é...? — Perguntou Fresco, de braços cruzados e erguendo as sobrancelhas.

— As sondas que o cabo Griffud lançou há seis semanas ficaram transmitindo o tempo inteiro. E detectaram um veio de minério valioso nessa lua. O comando ficou sabendo às 5. Estamos passando pelo cemitério e estaremos prontos para começar amanhã de manhã.

— Valioso quanto? — perguntou Czark. Pérola apertou um botão no console táctico e observou os dados do veio aparecerem, iluminando os rostos dos homens.

— Papai do céu... — disse Fresco.

— Se os bichinhos do Griffud estiverem certos — ponderou Czark. Do outro lado do círculo, Liam Griffud (professor de geologia exploratória, tinha bolsa na UCU, mas foi cooptado) passou a mão pelo rosto e pelos cabelos secos e juntou as pontas dos dedos esguios.

— Eles estão — disse ele, com um sorriso pequeno e seco.

— Então por que é que ninguém foi lá ainda e pegou tudo? — perguntou Fresco.

— A lua se chama Gurdlac. A atmosfera não dá muitas condições pra vida humana. É quente o bastante pra deixar até mesmo eu, que vim da "Estufa", preocupado. As informações são que a Supremacia marcou o lugar pra possível terraformação e pra usar como campo de refugiados, mas nada foi feito ainda. Não há registro de posse, levantamentos nem vigilância. É só uma pedra quente e grande que ninguém além da gente notou.

Pérola deu de ombros. — É só a gente ir lá e fazer o nosso. Ah, detalhe: os Saqueadores tão ocupados chutando bundas em outro lugar. Eles vão nos dar carona de ida e de volta, mas, enquanto a missão estiver em progresso, estaremos por conta própria.

— Agora conta uma novidade — disse Czark, provocando risadas. — Tudo bem, Sargento. Vou dizer pro Esquadrão Tático A começar a preparar os MULEs.

— Eu vou fazer uma lista de equipamento mínimo e passar pro pessoal do orçamento — disse Fresco.

— Só mais uma coisa. — Pérola hesitou. — Eu sei que nós temos feito hora extra direto e já estamos na terceira campanha quando a maioria de vocês só se alistou pra uma, sem direito a folga. Mesmo assim, vocês todos dão um duro do cacete. Então quero que saibam que... estou lutando pra conseguir nossa folga. Dispensados.

Os homens saíram arrastando as botas gastas de trabalho e coçando queixos com barba por fazer. Alguns acenaram amigavelmente com a cabeça. Fresco parou e disse baixinho: — Sem galho, chefe. Se for humanamente possível, a gente sabe que você consegue.

Então Fresco lhe deu um tapinha nas costas e saiu atrás dos outros. Pérola suspirou enquanto os via se afastar.

Quem dera.

Como sempre, a descida no módulo fez a comida dar cambalhotas no estômago de Pérola. Foi com grande alívio que ele sentiu o solo sob seus pés outra vez, ainda que estivesse separado dele por um metro e meio de T-280.

Pérola flexionou os músculos, acostumando-se à sensação do articulador. O articulador padrão possuía um arreio moldado preso ao corpo do operador. O equipamento lia os menores movimentos do usuário e os repassava ao mech VCE. O Módulo Integrado de Leitura do Articulador ("MILA" — ou, se você tivesse um zergnídeo agarrado às suas costas, o "MILARGA!") gerava respostas hápticas proporcionais e dava ao operador uma aproximação fiel de como seria se os membros enormes do mech fossem os seus próprios.

Havia muito tempo, Pérola trabalhara em um contrato fajuto com um mecânico autodidata turrão de algum buraco esquecido por Deus. O nome do cara era Redell Quinton. Eles viraram grandes amigos enquanto consertavam as imperfeições dos módulos de leitura mais defeituosos do setor. Com o tempo, começaram a passar as noites matraqueando sobre os módulos de alto nível que eles gostariam de patentear se tivessem grana. Foi durante uma dessas sessões de bravataria, já meio torto com a aguardente caseira de Red (até hoje, a bebida mais sinistra que ele jamais provara), que Pérola esboçou o diagrama de um articulador biométrico heurístico.

Anos depois, tendo que lidar com o peso dos Cecês, ele começou a construir o módulo e o instalou em todas as máquinas do seu esquadrão. O dispositivo decorava as respostas nervosas de cada usuário e aos poucos ia se modificando para melhorar o desempenho. Quanto mais horas os Cecês passavam em seus mechs, melhor era a resposta dos VCEs. Assim, os homens começaram a se apegar às suas máquinas. Pérola, que no fundo era um cowboy, sempre pensava nos cavalos que os fazendeiros de Choss mantinham por perto para os racionamentos de combustível frequentes; pensava no cowboy na sela, acostumando-se à sua montaria favorita.

Pérola não era imune àquele efeito. Ele blindava o mech com novoço recuperado, melhorava os propulsores e mimava a enorme máquina.

Agora, de volta em segurança à terra firme (*ou Gurdlac firme*, pensou), Pérola deu alguns gratos passos pesados, dobrando os joelhos; ele disparou os propulsores numa rajada

rápida e deu uma olhada nos indicadores de saída. Então, satisfeito com o equipamento, virou-se e examinou o monitor tático à esquerda. Os sinais vitais estáveis de todos os Cecês pulsavam: uma grade de pontinhos vermelhos tranquilizadora.

Pérola olhou à sua volta. Uma planície infinita de chaparral entrecortada por ocasionais arroios a leste. Uma muralha de pedra erguia-se formando um platô a oeste, entremeado de ravinas e cortado por desfiladeiros, que se estendia no sentido norte-sul. A lua estava erma e linda de um modo que ele conhecia bem — só desertos eram assim. E o dia estava bonito.

O que tornava o trabalho mais difícil.

— Não é pra abrir as escotilhas, hein, rapaziada. Todo mundo sente falta de ar fresco, mas aqui não dá. O calor vai desidratar vocês rapidinho. Mantenham o ar no máximo pra não suar.

Até parece. Esses trecos não são melhores que ar-condicionado de loja. Quando voltarmos, vou designar um esquadrão tático pra dar um jeito neles, pensou pela centésima vez.

Eles montaram a central de comando rapidamente. *Não quebraram o recorde* (Pérola monitorava a velocidade da construção, sempre esperando que eles se superassem), *mas foram bem mais rápido que o panaca médio da Supremacia.*

Eles estocaram os suprimentos mais depressa e, na hora do almoço, já estavam prontos para ver os planos de mineração e escolher o local onde começariam a escavar.

Passava das 16 h quando eles ativaram o gatilho zerg com um *CRACK!* O som era como uma armadilha de ferro se fechando na perna de um grão-javali nos bosques perto de Quijadas, onde ele costumava caçar quando criança.

Um dos MULEs perdera uma garra por volta das 14h30, e Pérola ajudava Czark e o esquadrão A com um conserto rápido.

Os escavadores robóticos móveis aumentavam a taxa de coleta de qualquer mina. Eram capazes de carregar pesos que fariam um VCE parar. Mas não tinham cérebros, de forma que Pérola acabou treinando seus homens para trabalhar junto com os MULEs, corrigindo telemetria errônea e guiando os poderosos escavadores para onde eram mais necessários.

Além disso, bebiam demais: quando acabava o combustível, eram necessários dois Cecês para reabastecê-los.

Pérola estava trabalhando em sua plataforma quando sentiu umacoceira premonitória na nuca. Ele grunhiu e desviou os olhos do trabalho.

Do outro lado do local da escavação, o oficial Wolfe estava usando um cortador de fusão na superfície seca da rocha. Então houve um som — *CRACK!* — e Wolfe desapareceu de repente; uma fenda apareceu rasgando a terra. A fissura na terra cresceu, desenhando-se em círculo ao redor do local como uma costura fraca em roupa velha.

Uma das luzes vermelhas à esquerda de Pérola se apagou. Wolfe tinha morrido. A mente de Pérola estava a toda. *Falha tectônica? Não. Certinha demais, cercou o acampamento. Foi de propósito, foi projetada!*

Então o primeiro zergnídeo se arrojou da fissura, enfiou os espinhos na nacele de Cortez (*metalúrgico das fábricas de veículos de luxo em Moria*). Pérola olhou com mais atenção e viu que o vão estava repleto... de carapaças de zergs.

Porra! Precisamos nos reunir e marchar pra central de comando e...

Mas a fissura ainda aumentava, cercando toda a área. *Se formos pra central de comando, vamos ficar cercados.* Pérola olhou para o campo. Fresco era quem estava mais perto da trilha que diminuía entre eles e os desfiladeiros. Hora de uma decisão rápida.

— Cecês! Entrar em formação ao redor do tenente Wsoro! Corram pro vão e sigam pro desfiladeiro! Passem o maçarico em qualquer coisa que se mexer!

Pérola ligou o articulador e começou a se mover. Os zergnídeos já enxameavam sobre os homens na periferia. Conforme ordenado, os Cecês seguiam aos pares, movendo-se taticamente, sem pânico, fatiando e esmagando zergnídeos o mais rápido que podiam e metendo o pé na direção da saída. Se Pérola pudesse parar um segundo, teria ficado orgulhoso.

Mas não havia tempo. Parecia que jamais pararia de sair zergnídeo da maldita fissura, e logo todos seriam sobrepujados. Pérola viu um zergnídeo pousar no topo da nacele de Dean Mozian (*perito em balística, resgatado de trabalho escravo em Cirion*) e começar a atacar a escotilha de visualização. Pérola mexeu no articulador e desceu o braço no zergnídeo, prendendo a cabeça da criatura na garra. Ele apertou o punho o mais forte que pôde e sentiu o crânio do bicho rachar pelo MILARGA!

Quando um zergnídeo pousou nas costas da sua nacele, ele cambaleou e se virou na direção de Czark. Czark pisou no tórax de outro zergnídeo que estava metido entre eles e ergueu o maçarico. Houve um chiado abafado de protesto no comunicador quando Czark aumentou a força e detonou o bicho das costas de Pérola com uma chama branca e calcinante.

Mais quatro luzes se apagaram, unindo-se à de Wolfe. A mente de Pérola visualizou os nomes junto com o estampido dos passos do seu mech.

Clomp! Addams, encanador de Great Bend.

CLOMP! Kobayashi, físico de partículas de uma frota de pesquisa.

Estavam se aproximando da passagem, e os dois MULEs tinham ficado para absorver a maior quantidade de dano.

CLOMP! LeFleur, arquiteto de interface roubado da Hypercade.

CLOMP! Nguyen, arquiteto estrutural, ainda trabalhava para a ChariCorps repassando dados sobre blindagem militar para iniciativas de moradia para famílias de baixa renda.

A maioria dos homens tinha passado pelo vão. Pearly olhou para trás. Czark e os outros retardatários cuspiam plasma numa onda marrom de zergs.

E agora? Mesmo em campo aberto, eles vão acabar com a gente em questão de segundos!

Pérola agarrou Blake (*especialista em redes já aposentado após vinte anos na UNN*) e arremessou seu mech avariado pelo vão. A maré de zergs estava quase chegando!

Precisamos de uma folga ou estamos perdidos! Talvez dê pra conter a linha com soldados de plastiaço. Vai conseguir tempo pros ou...

Pearly viu Wenders (*especialista em demolição de Halcyon*) sumir no meio dos zergnídeos.

Outra luz se apagou.

Ele viu Czark dar a ré em seu mech, claramente pensando o mesmo que ele. *Não, não o mesmo, porque...*

Czark disparou o cortador de fusão e apontou para o enorme pacote de explosivos acoplado ao mech de Wenders. De longe, Czark olhou nos olhos de Pérola, que só teve tempo de pronunciar um inútil...

— Não...

Todo o local de escavação se tornou uma nuvem de fogo. A explosão jogou o mech de Pérola em cima de dois Cecês que recuavam. Por um momento ele ficou lá, sacudindo a cabeça, tentando abafar o zum-zum nos ouvidos.

Pérola se ergueu. Czark conseguira ganhar tempo, mas não mais de um minuto. Eles precisavam se mexer...

— Todo mundo pro oeste via noroeste, procurem a passagem mais estreita que dê pra gente passar! Coordenadas nos visores! Agora *vão!*

A noite já tinha caído quando Pérola se sentiu confiante o suficiente para ordenar que a companhia parasse.

Eles tinham atravessado a passagem antes de os zergs conseguirem se reagrupar, e quando os Cecês sumiram de vista, as criaturas não os perseguiram. Pérola sabia que o dia sem vento tornava mais difícil que os zergs sentissem o cheiro de graxa e rastreassem a equipe, mas, mesmo assim, eles tinham conseguido uma folga.

Agora, bem para dentro das passagens e recessos tortuosos do platô, eles descobriram um desfiladeiro amplo com os flancos em degraus. Só havia duas saídas, ambas gargalos. *Bom, aqui é tão seguro quanto qualquer outro lugar*, pensou Pérola, e então deu a ordem.

Os homens pararam. Pérola abriu o canal de comunicações com Griffud. — Liam. Preciso do 3-D desse desfiladeiro o mais rápido possível.

— Entendido, chefe. — A resposta de Griffud foi seguida por alguns bipes abafados. Pérola aquiesceu e voltou-se para o resto do pessoal.

— Muito bem, fazer formação!

Eles entraram em formação, cansados mas sem reclamar.

— Nós perdemos alguns amigos hoje e estamos todos cansados da marcha. Mas eu vou precisar de vocês ainda mais um pouco antes de de a gente poder descansar.

— Que porra foi aquela, Pérola?! — Quem perguntou foi Eddie Rimes, um capitão de transporte vindo de Tyrador.

— Uma armadilha — Fresco cuspiu as palavras. — Eu reconheço uma armadilha quando vejo. Já armamos muitas pros cachorros da Supremacia, não foi? Nos mandaram pra cá pra minerar uma arapuca do caralho.

Rimes se intrometeu: — Mas como eles sabiam? Como sabiam que estaríamos naquele local?

— Eles não sabiam.

Era Dave Warner, que trabalhara durante três anos desenvolvendo estratégias de engenharia antibiológicas para a OPE.

— A armadilha não era pra gente. Não era pra ninguém. Quer dizer, era pra qualquer um que não andasse por aí dentro de uma carapaça. Ouvíamos falar disso nas Operações de Pesquisa Especial. Chamávamos de *gatilhos*. Basicamente, os zergs encontram um veio rico e, em vez de minerar, escavam, enchem uma caverna de gosma e entram em hibernação curta. Como um sapo na lagoa.

— Tá falando merda... sapo não explode do chão e sai rasgando todo mundo, cara.

Pérola se irritou. Ele subiu em uma rocha próxima e gritou: — Todo mundo, cala a boca!

Os Cecês calaram.

Pérola suspirou. — Não vou enrolar vocês. A gente tá encrencado. Essa missão já não contava com apoio desde o começo. Agora a comida e a água estão no meio de uma armadilha. Estamos fora do alcance da *Hipérion*, e ela só volta em duas semanas. Com o que nós temos à mão aqui...

Ele se calou, e Griffud completou:

— Não vai dar, não.

— Então estou precisando de ideias.

Todos ficaram calados. Era a primeira vez que Pérola pedia ideias aos Cecês e não acabava soterrado por vinte planos simultâneos. Agora eles precisavam de mais que planejamento. Precisavam de mais que liderança. Precisavam de inspiração. Ele pensou no que Swann dissera.

Inspiração de um sujeito que odeia falar mais de dez palavras por vez. Praga. Praga da porra.

Então Pérola pensou em Lynn-Ann e nos dois garotos. Pensou muito e a fundo.

O primeiro passo é abrir a boca.

— Bom — disse ele, sem saber o que viria depois. — Escutem...

Eles escutaram.

— Na minha opinião... isso aqui é um problema de engenharia como qualquer outro. É transporte de materiais perigosos. É gerenciamento de recursos. É...

— É encanamento — completou Fresco.

— Exato! — disse Pérola. — Do tipo bagunçado e sujo. Pensem só. A gente tem merda num lugar onde não quer, e temos que fazer essa merda ir pra outro lugar. Bom. Do que é que a gente precisa pra fazer isso?

— Bom, pra começar, estamos todos usando veículos de construção enormes — disse Griffud. — Já é alguma coisa.

— Então o que fazemos com eles? Hein?

— Normalmente a gente constrói coisas, mas não temos matéria-prima — disse Rimes.

Pérola coçou o pescoço e olhou ao redor. Então estalou os dedos.

— Porra nenhuma. É que vocês nunca foram a Choss, senão teriam visto minha obra-prima.

Rimes ficou olhando para Pérola por alguns segundos. Então ele riu. — Os penhascos.

Vocês escavaram um monte de coisa nos penhascos...

— Hotéis, cidades verticais, quase — completou Pérola. — Escutem, bando de zé ruelas. —

Ele se dirigiu para o centro do desfiladeiro. — Estamos no meio de um depósito de

suprimentos enorme. Aqueles bichos feios acham que sabem construir uma armadilha?

Eles tão enfrentando os mecânicos mais sinistros do setor!

Pérola se virou e caminhou entre os homens.

— Vocês estão cansados. Eu estou cansado. Estou morto de tanto correr, de cinquenta anos

apertando porcas, de ver meu planeta exaurido pela Confederação e pela Supremacia,

cansado de duas guerras! Estou cansado e muito puto, e vocês também deviam estar,

porque mais uma vez a gente tá aguentando sete vezes a carga de trabalho das outras

unidades no setor! Mas sabem do que mais? Eu tô feliz! Eu tô feliz, porque quando eu voltar

— pros meus filhos, pro meu lar, pra minha esposa —, vou ter conquistado minha volta

como nenhum outro homem.

"Então vocês estão cansados? Ótimo! Zangados? Melhor ainda! Um Cecê cansado e zangado vale dez soldados descansados e bem alimentados. Eles nos dão uma colher, nós fazemos uma casamata. Nos dão um graveto e nós construímos uma fortaleza! Nos dão um buraco enorme no meio do nada e nós vamos criar uma máquina de morte que vai esmagar esses bichos tão feio que vocês vão querer que tivesse mais só pra gente ficar vendo eles morrerem. E eu prometo uma coisa...

"Os garotos no refeitório da nave, os rapazes em suas camas por todo o setor, todos eles vão arrancar os cabelos, chorar, lamentar e se sentir roubados porque não tiveram a chance de ver dezesseis broncos cansados exterminar um exército alienígena faminto!"

— Porra, é isso aí! — gritou Drew Roder (*dez anos trabalhando em prospecção no gélido Zenn*), e alguns dos outros riram e aplaudiram.

A voz de Griffud soou no comunicador de Pérola. — 3-D pra área toda está online. — Pérola imediatamente baixou o modelo e localizou o desfiladeiro. Estudou a imagem onde apareciam ravinas tortuosas, então realçou alguns pontos e passou para o pessoal.

— Viram? Vai ser ainda mais fácil do que a gente pensava.

Mais alguns concordaram com grunhidos e Pérola até ouviu um "porra, se vai!"

— Fresco, dá pra alargar a entrada com os explosivos que temos?

— Dá pra fazer bem mais que isso. Mas eu tenho uma pergunta, chefe. Como a gente vai trazer os filhotes de cruz-credo pra cá?

Pérola suspirou e pensou outra vez na família.

— Só consigo pensar numa maneira...

Eles passaram a noite trabalhando, fazendo as coisas com calma para que desse tudo certo. Só tinham uma tentativa. De qualquer forma, os Cecês estavam acostumados àquilo. Eles tinham construído plataformas de lançamento nas quais um centímetro na direção errada causaria a morte do piloto. Tinham criado listas de equipamento mínimo em que um quilo a mais de blindagem de novoaço provocaria uma colisão contra as montanhas, e um a menos, morte por hidraliscas.

De certa forma é até melhor que sejam as nossas vidas na reta do que a vida de algum garoto.

O pensamento cruzou a mente de Pérola enquanto ele observava o campo ao nascer do Sol. Os Cecês haviam protestado quando ele disse que iria sozinho, mas Pérola insistira. Griffud (uma mente calculista até o fim) observou que Pérola tinha vencido a corrida de obstáculos

de T-280 por três anos seguidos. Mesmo se não fosse o caso, Pérola achava que já tinha permitido que muita gente boa se arriscasse naquela missão.

Tudo calmo.

Tirando a fissura enorme e a gosma inconfundível, o acampamento não havia mudado muito desde o dia em que chegaram. Tranquilo. Deserto.

É... e já que cê tá todo crédulo hoje, tenho umas pontes novinhas aí pra te vender. Pérola riu.
Pior que eu tenho mesmo, ponte é o que não me falta.

A risada de Pérola fez Fresco falar no comunicador: — Chefe?

Tô distraído. Preciso me concentrar. Pérola se conteve e disse calmamente: — Nada, Fresco.
Como vão as coisas aí?

— Estamos terminando de recarregar as baterias solares dos mechs. Em um minuto começa o rodeio, chefe.

Tou achando que é hoje, pensou Pérola. *Porra, eu já arrisquei demais a vida, minha hora tinha que chegar. Duas guerras, um monte de planetas sem lei... Se eu puder salvar os outros caras...*

— Seria uma boa maneira — disse em voz alta.

— Trinta segundos, chefe.

Mas se vai ser hoje... Pérola mexeu nos controles. A escotilha hermética se abriu com um sibilo.

— Chefe?!

— Tá tudo bem, Fresco. — O vento árido de Gurdlac soprou na nacele como um beijo de amante. Pérola afrouxou os arreios e sentiu o toque leve da brisa. Ele sentiu o ar seco e doce, o sol tépido. Pensou nos filhos. *Bons meninos. Já são homens. Com a cabeça no lugar.*

— Quinze segundos, chefe.

Ele pensou em Lynn-Ann, com seus longos cabelos cor de mel e corpo delgado e bronzeado. Uma moça da fronteira de Choss. Pérola tinha namorado uma moça da cidade grande na universidade e nas férias do sétimo período ele a trocou por Lynn-Ann, que ele não via desde o colegial. Lynn-Ann, a moleca de cabelos curtos e joelhos ralados da rua de baixo, que florescera e tornara-se um anjo do deserto. Lynn-Ann, que cheirava a sisal e sálvia e a algo indefinido que era melhor ainda.

Melhor decisão que já tomei, pensou Pérola.

— Cinco...

Ele suspirou fundo, sentindo o pulmão distender.

— Quatro...

Ele deu outra olhada nos planos...

— Três...

Procurando uma falha...

— Dois...

Verificando as variáveis...

— Um!

Ele pegou o articulador.

— Cecês carregados e prontos!

Ele sentiu a perfuratriz girar pelo sistema háptico.

— Quando quiser, chefe!

Ele esticou o braço e tocou a nuca, ressecada pelo vento...

— Chefe?

Pearly mexeu nos controles. A escotilha se fechou...

... e Pérola enfiou a perfuratriz no chão!

A reação foi imediata. Zergnídeos irromperam da fissura em uma onda de membros coleantes. O sibilo chegou até Pérola um segundo antes de ele se dar conta do que estava fazendo.

— Merda!

Ele se virou, disparou os propulsores e fugiu como se o diabo estivesse atrás dele.

Pérola passou pela mesma abertura no desfiladeiro da véspera e escolheu um nicho mais amplo mais adiante na muralha. Eles rastrearam a telemetria que Griffud havia preparado e

viram que a outra abertura se ampliava consideravelmente depois de alguns metros. Para o Esquadrão Tático B, mudar o ponto de gargalo fora como tirar doce de criança.

Deve ser um lugar bom e convidativo, pensou Pérola. Eu espero.

O primeiro zergnídeo meteu sebo nas canelas ("*picou a mula*", diria Lynn-Ann) e o alcançou em três minutos. Ele estava pronto. Um golpe rápido com os cortadores de fusão e o zergling caiu em dois pedaços; no instante seguinte, ele foi pisoteado e transformado em geleia pelo resto da manada.

Mas Pérola perdera distância e os filhos da puta eram rápidos pra cacete.

Agarrou outro e o arremessou para a frente a fim passar por cima dele fazê-lo em pedaços.

Mas o terceiro zergnídeo enfiou as presas no atuador do braço esquerdo antes que ele pudesse fritá-lo com plasma, e o quarto subiu em suas costas.

Pérola sentiu os servomotores desacelerar com o peso extra. *Deu ruim. Vou sacudir essas filhasdaputa.*

Ele arrancou a tampa da caixa de controle à direita e fez uma gambiarra rápida. A superfície externa do T-280 esquentou depressa com a corrente elétrica, e o zergnídeo guinchou e pulou fora.

Pearly olhou os medidores. Combustível suficiente para chegar ao ponto designado, contanto que ele não usasse os propulsores. *Não posso usar esse truque duas vezes. Preciso de espaço.*

Eles não levaram muita coisa do acampamento, mas o pessoal tinha alguns kits de demolição e alguns metros de pavio. Precisaram usar a maior parte na construção, mas Dean e Fresco prepararam três surpresinhas com o que restara. Pérola carregava os itens consigo; ele pegou o primeiro dispositivo oblongo e teclou no painel de controle para ativá-lo.

Aquilo seria delicado. Um empecilho grande demais faria os bichos desistirem da perseguição; se fosse pequeno demais, o bando o alcançaria. *É o problema maior em escala menor*, pensou Pérola. "A Engenharia está nos detalhes", ele lembrava-se de ouvir um professor dizer uma vez. Pérola desconfiava de que o homem não estivesse falando de atrair uma horda de alienígenas hostis para uma armadilha. Provavelmente estava pensando em pedidos de bolsa ou no manual técnico anual.

Porra, eu preferia estar fazendo isso também.

Pérola virou a cabeça para ver o bando. *Péssima ideia. Caceta. Tem zerg pra caralho ao cubo.* Ele cruzou os dedos e cuspiu como vira o pai fazer incontáveis vezes para dar sorte, então arremessou o brinquedinho de Fresco na onda de zergs.

CABUM! A granada de concussão criou um pequeno cogumelo de poeira e zergnídeos. Ele ouviu os outros sibilar e chiar, sedentos de sangue.

Fanáticos me lambam, está funcionando! Ele conseguira um pouco mais de espaço, mas o bando de zergnídeos não parecia ter perdido o interesse. *Acho que acabei irritando eles. Ótimo. É sempre melhor enfrentar um inimigo nervoso.*

Ele chegara ao desfiladeiro e conseguira mais espaço enquanto os zergs fechavam a formação para caber nos recessos mais estreitos.

Pérola matou mais dois com os cortadores de fusão e empalou outro em uma estalagmite conveniente. Mas o restante estava mais perto, e ele não podia arriscar que mais deles subissem no mech e o retardassem. Preparou a segunda granada.

CABUM! UUM! Uum! Uum-um-um. O som ecoou por todos os lados, reverberando nas paredes do desfiladeiro.

Pérola olhou para trás. *Que merda.* A explosão os retardara menos daquela vez. Alguns simplesmente subiram pelos lados do desfiladeiro e continuaram a correr a toda velocidade. Mas ele conseguira um pouco mais de espaço.

Pérola deu uma olhada na telemetria. Merda. Faltava muito ainda, e ele já tinha gastado a segunda surpresa. *Se eu sobreviver, talvez eles aposentem a corrida de obstáculos pra sempre.*

Ele desligara o ar-condicionado para economizar energia depois de ter feito a gambiarra, e agora estava tão quente dentro do mech quanto fora, mas bem menos seco. *Esquece isso. Se eu sobreviver, vou botar um esquadrão tático inteiro pra desenvolver uma fibra hidroabsorvente mais eficaz.*

Outro zergnídeo se aproximou e Pérola conseguiu atravessá-lo com a perfuratriz, mas não antes de o bicho arrancar o circuito de controle do braço direito.

Pérola estava chegando perto. Ao dobrar uma curva, ele viu o alvo. Bastava seguir direto descendo a encosta. Ele ia conseguir!

Foi quando o primeiro zergnídeo pulou em suas costas. Ele xingou e cambaleou para o lado, esmagando o cretino contra o desfiladeiro. Mas aquilo o retardou, e Pérola esqueceu dos zergs que vinham pelas paredes quase verticais. Mal tinha dado mais três passos quando outro bicho pulou sobre ele.

E outro.

E outro.

Ele se sacudiu e, usando o braço remanescente do T-280, arrancou um dos bichos — mas um outro tomou seu lugar. Suas garras em foice se fincavam no plástiaço da escotilha. Os servomotores gemeram e reclamaram, e ele perdeu muito impulso. Podia ver o alvo a alguns passos de distância, mas era impossível. Longe demais.

O resto do bando estaria em cima dele em segundos. Não podia mais fazer a gambiarra; ficaria preso no chão feito uma pedra. Nem havia combustível suficiente para usar os propulsores.

A escotilha começou a rachar.

Só uma chance. Maluquice. Mas ele precisava levá-los além do gargalo...

CHLINK! A garra de um zernídeo atravessou o plástiaço, e ele sentiu a dor quente perfurar seu ombro. Pérola gritou, rilhando os dentes.

É agora ou nunca!

Ele tocou o controle do braço bom...

... e o mundo ficou branco; a última granada de concussão — ainda presa s costas do mech — detonou com um POP!

Dor.

Dor no ombro.

Ele não estava morto.

Pérola abriu os olhos. A explosão arremessara o mech no final do desfiladeiro. A dor no ombro era da garra do zergnídeo, ainda presa — a explosão a separara do dono.

Ele espiou pela escotilha estilhaçada.

O bando de zerg inteiro estava vindo pelo gargalo e indo...

Pra cima de mim.

Pérola xingou de novo e mexeu nos controles. O T-280 estava uma zona. Todos os motivadores de uma perna tinham queimado. Não importava. Ele ainda tinha outra perna e outro braço, e assim conseguiu se erguer. Percebeu que Fresco e todas as outras vozes do grupo gritavam no comunicador para ele: "cai fora, caralho!" E ele obedeceu.

Ele cambaleou e se arrastou, deu cambalhota feito bêbado e, de algum modo, conseguiu chegar à parede de onde a corrente do guincho de Fresco se dependurava. Fechou a garra do mech ao redor da corrente e sentiu a fisgada no MILA quando Fresco e Griffud o puxaram para o alto!

E Pérola ouviu o barulho — um trem de carga cheio de abelhas atingindo uma ponte — quando centenas de zergnídeos se empilharam abaixo dele, subindo a parede do penhasco.

Eles patearam com vontade — *e que vontade!* — tentando subir pela parede, que tinha sido aplainada de forma a ficar vertical. — Um zergnídeo consegue escalar uma superfície quase vertical — dissera Warner. — Quase.

E eles chiaram — *e como chiaram!* — quando Fresco ligou um interruptor, ativando cargas de demolição precisamente posicionadas nas paredes do penhasco; o gargalo desapareceu com um BANG áspero dentro de uma nuvem de poeira. — Coisa linda de mô deuso — disse Fresco.

E então os zergnídeos começaram a morrer.

Morreram quando o chão de pedra debilitado cuidadosamente por ferramentas de construção cedeu sob suas patas, atirando-os para dentro de fossos cobertos de espetos afiados.

Morreram quando colunas de rocha cuidadosamente empilhadas desabaram como num balé, deslizando sobre rampas perfeitamente lixadas, moendo os zergs e transformando-os em papinha.

Morreram em armadilhas de areia, em arapucas, em avalanches. Restaram apenas uns poucos, que morreram com as cabeças esmagadas pelas garras de uma falange de mechs composta por quinze velhotes cansados, famintos e turrões. Pérola deixou que cuidassem daquilo sozinhos. Eles tinham merecido a recompensa.

O tenente Hathaway estava nervoso. O módulo de transporte estremecia ao atravessar a atmosfera fina e seca de Gurdlac. Mas não era a descida. Em sua curta carreira, Hathaway já aterrissara em planetas bem menos hospitaleiros. Havia encarado a bocarra de um corruptor furioso e apertado o gatilho de seu rifle gauss, salvando uma dúzia de soldados. Foi como ele conseguira suas divisas.

Mas, por algum motivo, sempre que tinha que lidar com os Cecês, ele se sentia como um garoto pego brincando com as ferramentas elétricas do pai. Preferiria ter recebido outra missão, mas... quando Jim Raynor pedia para você fazer um trabalho, você obedecia.

A nave aterrissou sem problemas, e Hathaway saiu para ver a escavação. Ele piscou. Havia Cecês espalhados pelo local, sentados em caixotes, jogando baralho, reclinados nas naceles abertas dos T-280 com os chapéus sobre os olhos, cochilando.

Mas não era por isso que Hathaway os encarava. Todo o acampamento estava cercado com crânios de zergnídeos enfiados em estacas. Crânios rachados e esmagados, alguns remontados às pressas com adesivo industrial. Hathaway olhava para eles e para as marcas de garras nas estruturas recém-construídas e para os T-280s consertados na base da gambiarra com pedaços de destroços e... aquilo ali era uma lata de cerveja servindo de carcaça de motivador?!

— Cê demorou, hein, rapaz.

O homem que falou foi "Fresco" Wsoro. Hathaway o conhecera na reunião pré-missão, mas não respondeu; só ficou encarando. Fresco esperou, então olhou ao redor e deu uma risadinha.

— Ah, sim. Aquilo ali. Nós tivemos um probleminha com os zergs.

Hathaway gaguejou. Ele abriu a boca para falar. Fechou. Abriu de novo. Fechou de novo. Mais duas vezes. E enfim conseguiu dizer: — Como? Quer dizer... que sorte que vocês... quer dizer... vocês... Ahm, vocês conseguiram pelo menos minerar alguma coisa dos quatrocentos veios de que precisamos?

Fresco riu. — Claro que não, rapaz.

Hathaway grunhiu baixinho. Raynor não ia gostar nem um...

— Nós mineramos oitocentos veios.

Perto dali, Pérola sorriu.

Jim Raynor respondeu à batida na porta.

— Pode entrar.

Pérola entrou e encontrou Raynor encarando seriamente uma leitura tática. Ele fechou o documento e esfregou os olhos — Oi, Pérola. Como está o braço?

Pérola depôs a caixa de ferramentas perto da porta e entrou. — Parece novo. Rory está triste. Acho que ele pensava que iríamos escrever juntos um manual sobre engenharia maneta — brincou.

Raynor sorriu. — Pena, dois engenheiros manetas... tem gente que pagaria pra ver esse show.

— Eu já estou cansado de shows, Comandante.

— Somos dois. O que foi, Pérola?

Pérola suspirou fundo e se preparou para dizer dez palavras. Mais, se fosse necessário.

— O Esquadrão de Engenharia Especial CC tem uma produção sete vezes maior que a de uma unidade equivalente da Supremacia.

— Oito — respondeu Raynor. — Eu obtive... estatísticas mais recentes.

Pérola sorriu, amargo. — Sim. Acho que ficamos muito amiguinhos do príncipe Valerian enquanto meu pessoal estava lá no planeta.

Raynor suspirou fundo. — Pois é. Eu tive que fazer alguns contatos inesperados. Mas os rumos da nossa luta acabam de mudar! Então se você está aqui para...

— Não é isso. Eu quero um caminho realista para a paz. Há algumas vantagens claras nisso.

E é um engenheiro falando agora. Nós confiamos em você.

— Eu fico grato...

Pérola continuou. — Mas... esses números. Oito vezes a Supremacia. A gente consegue. E a gente faz a estrada ou a ponte ou o prédio, a gente enfia eles onde você pedir, e a gente faz isso porque nosso esquadrão é formado por adultos, Jim. Não por moleques novatos fedendo a mijó como os que estão se explodindo por todo o setor. Adultos, pais de família.

— Pérola, ninguém está...

— Eu não acabei. Nós conseguimos esses números não *apesar* de nos preocupar com nossas famílias, mas *porque* nós nos preocupamos com elas. É uma motivação melhor que uma injeção de esteroides. Mas, com o tempo, isso causa desgaste.

Pérola parou e pegou um console remoto. — Esse aqui é o cronograma de manutenção das máquinas sob minha jurisdição. É uma lista de itens. E inclui o nome de todo mundo sob meu comando. Eles precisam de manutenção. É um cronograma rotativo. E leva em consideração o plano de navegação que você atualizou na ponte. Nunca teremos mais de quatro homens de folga de cada vez. Você pode assinar...

Ele estendeu o console para Raynor.

— Ou pode achar outra pessoa pra comandar o esquadrão.

Jim Raynor olhou para Pérola com olhos de cowboy cansado. Tudo estava quieto. Em algum lugar acima deles, algo bateu no convés com um clangor.

Depois de um longo instante, Raynor pegou o console — Tá bem.

Pérola devolveu o olhar. — Tá bem.

Pérola se voltou para sair, mas Raynor acrescentou: — Tem mais uma coisa...

— O que é, Jim?

— Lembra o veículo-ponte que eu pedi pra vocês? Acho que tenho uma missão pra estrearmos ele.

Pérola aquiesceu.

— O que você acha de construir um acampamento pequeno e discreto... em Char?

Sem se voltar, Pérola sorriu e estendeu o braço para pegar a caixa de ferramentas.